



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
<http://ageconsearch.umn.edu>
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

**GRIPE AVIÁRIA: PRIMEIROS IMPACTOS NAS EXPORTAÇÕES
BRASILEIRAS**

DANUSA DE PAULA SOUSA; MAURO OSAKI;

CEPEA/ESALQ/USP

PIRACICABA - SP - BRASIL

dpsouza@esalq.usp.br

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

COMÉRCIO INTERNACIONAL

Gripe Aviária: Primeiros Impactos nas Exportações Brasileiras

Grupo de Pesquisa: Comércio Internacional

Forma de Apresentação: Apresentação em sessão sem debatedor

Gripe Aviária: Primeiros Impactos nas Exportações Brasileiras

Resumo

O Brasil consolidou-se como líder no mercado mundial de carne de frango em 2005. Segundo a Secex (2006), as exportações acumuladas em 2005 superaram em 14% o total embarcado no ano anterior. O País é hoje responsável por 40,7% das exportações globais do produto, seguido pelos Estados Unidos, que abastecem 35,3%, segundo dados do USDA (2006). No entanto, os casos de gripe aviária na Europa, Oriente Médio e África vêm provocando declínio de consumo de produtos avícolas, principalmente nos países afetados, e forte queda dos preços internacionais das carnes de aves, além de inúmeras restrições ao comércio internacional. Assim, este trabalho tem como objetivo, descrever os primeiros efeitos da gripe aviária nas exportações de carne de frango, e responder questões importantes para o posicionamento do Brasil no cenário internacional. É fundamental o conhecimento do mercado consumidor, dos principais concorrentes e suas potencialidades, bem como suas exigências, aliado a um forte controle sanitário interno para que o País se mantenha como líder no comércio externo de carne de frango. As informações-base foram levantadas junto a bancos de dados da Associação Brasileira dos Exportadores de Frango (Abef), Secretaria do Comércio Exterior (Secex), Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e Centro de Pesquisa em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), com dados elaborados pelos autores.

Palavras Chaves: gripe aviária, exportação de frango e consumo de frango.

Gripe Aviária: Primeiros Impactos nas Exportações Brasileiras

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é fazer uma descrição dos primeiros efeitos da gripe aviária para as exportações brasileiras de carne de frango *in natura*, junto a uma análise do consumo e importação dessa carne nos países que registraram focos de influenza. Deste modo, poder futuramente verificar as influências positivas e negativas da epidemia no contexto internacional para o Brasil.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex, 2006), o valor da tonelada vendida ao exterior recuou 10,3% em janeiro de 2006 sobre dezembro de 2005, mantendo-se praticamente estável em relação a janeiro de 2005. Agentes do mercado atribuem a queda à diminuição do consumo global, causada pela disseminação da gripe aviária por países da Ásia, Europa e Oriente Médio.

Nas últimas duas décadas, a produção de frango de corte tem evoluído de forma bastante significativa no Brasil. O ano de 2004 pode ser caracterizado como o ano das grandes mudanças. Segundo uma análise feita por Mulder (2005), ocorreram mudanças no comércio, na produção e na demanda dos consumidores.

Através da análise do desempenho da atividade avícola no Brasil, verificam-se números surpreendentes na produção, principalmente quando comparados aos de outras carnes. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU, 2004), nos últimos dez anos (de 1993 a 2003), a produção de frango cresceu 146%, enquanto a de suínos, apenas 22% e a de bovinos, 56,5%.

Até 2003, os Estados Unidos estavam à frente na produção de carne de frango, o que durou dez anos (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - USDA, 2005). No entanto, os problemas sanitários de gripe aviária, que atingiram o Canadá, Estados Unidos, Tailândia e Indonésia, em 2004, abriram as portas de novos mercados ao Brasil. Deve ser ressaltado que o País só aproveitou a oportunidade de demanda surgida com os problemas sanitários por já contar com uma estrutura extremamente competitiva e organizada.

Assim em 2004, o País melhorou suas exportações, devido às vantagens alcançadas com os banimentos de seus competidores na Ásia. Os exportadores brasileiros foram capazes de repor os produtos nos principais mercados tradicionais da Ásia (onde a epidemia foi mais drástica), além de ter conquistado novos importadores em outros continentes.

Esforços para regionalizar a cadeia de comercialização do País, em prática desde novembro do ano passado, devem contar positivamente para a conquista de novos mercados e aumento de embarques para tradicionais compradores.

Como o Brasil vem apresentando alto potencial de produção de carne de frango e de competitividade no mercado internacional, um estudo mais direto irá responder se as influências da gripe aviária são positivas ou negativas para o País. Isto é, se primeiramente a gripe está reduzindo o consumo internacional de carne de frango ou se está causando uma redução na oferta e conseqüente aumento de preços e de novos mercados importadores.

Futuramente esse trabalho auxiliará para análises mais profundas dos reais impactos da gripe aviária, já que neste momento ainda é prematuro um julgamento desse porte pelo pouco tempo em que há neste cenário um problema dessa magnitude.

1.1. Histórico sobre a Influenza Aviária

Segundo Martins (2002), a Influenza Aviária é uma enfermidade epizootica das aves causada por vírus da influenza do tipo A, da família *Orthomyxoviridae*, semelhante a gripe dos humanos. A influenza aviária tem distribuição mundial e é isolada com frequência de muitas espécies de aves, de suínos e até de humanos.

Os vírus da gripe do tipo A têm como reservatório (isto é, o organismo em que o vírus vive e se multiplica) aves selvagens aquáticas. Todos os subtipos dos vírus influenza, definidos pelas 16 HA (hemaglutininas) e 9 NA (neuraminidases), podem infectá-las. Embora todas as aves sejam suscetíveis à infecção pelos vírus da influenza aviária, muitas espécies de aves selvagens carregam os vírus e não apresentam sintomas da doença (Organização Pan Americana de Saúde, 2006).

Apenas alguns vírus das linhagens conhecidas como H5 e H7 causam as formas mais extremas da doença. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2006), essas duas variantes atacam as aves com sintomas moderados, mas quando começam a circular entre grandes populações de animais, os vírus podem sofrer uma mutação. Esse é um dos principais motivos que levam autoridades a agir imediatamente ante a um foco da doença.

A ciência identificou o vírus H5N1 em 1925, mas ele só se tornou fonte de preocupação dez anos atrás, depois que um ganso morreu, numa fazenda localizada na província de Guangdong, na China (Neiva & Bergamo, 2006).

Descobriu-se que a doença incomum que havia vitimado a ave fora causada pelo H5N1. Um ano depois, em Hong Kong, um menino de 3 anos morreu vítima da mesma doença, o que configurou o primeiro registro oficial da gripe em humanos. Esse primeiro surto durou poucos meses e atingiu dezoito pessoas, matando seis delas (Neiva & Bergamo, 2006).

A nova gripe parecia não ser grande ameaça, até que voltou a atacar, em 2003. Desde então, o H5N1 espalhou-se pela Ásia, África e Europa. Os países mais afetados desde 2003 foram Coreia do Sul, China, Vietnã, Tailândia, Mongólia, Indonésia, Turquia, Romênia e Rússia. E até 1º de março de 2006, o vírus provocou 174 casos em humanos, que resultaram em 94 mortes além da morte e abate sanitário de milhões de aves (Ministério da Saúde de Portugal, 2006).

Nos EUA, há uma forma menos virulenta da gripe aviária, que apareceu em 2004, mas não a forma mortal que atinge a Ásia. No entanto, há a possibilidade de que a doença chegue ao país por meio das aves migratórias ou por meio da importação ilegal de aves, pois a importação de tais aves é ilegal, já que os EUA proíbem a compra de aves de países onde há a doença (Centro de Vigilância Sanitária – CVE, 2005).

O vírus presente em animais, passa de animais para animais e para humanos, mas as contaminações de pessoas para pessoas ainda não acontecem. Os primeiros sintomas da gripe aviária em humanos são muito semelhantes aos de uma gripe qualquer – dores no corpo, fadiga e febre alta. Como as defesas do organismo não conseguem reconhecer o vírus e combatê-lo, a doença evolui e, em poucas horas, atinge a maioria dos órgãos do corpo (Avisite, 2006).

A OMS lembra que o risco de contaminação é quando o vírus entra em contato com mucosa (como nariz, olhos e boca), por meio da respiração e da ingestão de carne mal cozida ou pelo contato com o sangue de animais doentes. O consumo de carne previamente congelada e bem cozida não oferece risco de contaminação. E que somente aves vivas e *in*

natura oferecem riscos de contágio, e que a carne cozida pode ser consumida normalmente (temperaturas superiores a 70°C).

A pessoa infectada tem sintomas parecidos aos da gripe comum. Após entrar no corpo humano, o vírus H5N1 se dirige ao pulmão, rins e fígado. Depois segue um curso clínico que se caracteriza por uma deterioração rápida e morte na maioria dos casos, causando pneumonia viral e falência múltipla dos órgãos. Em casos mais graves, a vítima pode morrer em cinco dias. Desde que reapareceu, em 2003, mais da metade das pessoas que contraíram a doença morreram (Avisite, 2006). A influenza aviária e a doença de Newcastle são as duas únicas enfermidades avícolas da lista da Organização Mundial de Sanidade Animal (OIE, 2006) de notificação obrigatória aos órgãos oficiais.

Segundo Neiva & Bergamo (2006), a possibilidade de o vírus das aves sofrer determinadas alterações e tornarem capaz de ser transmitido de um ser humano para outro não é descartado, principalmente analisando outras epidemias, como por exemplo a gripe espanhola. Em 1918, um vírus de gripe que se hospedava em animais e, por meio de mutações, se tornou contagioso entre pessoas e que levou a uma das pandemias mais agressivas da história foi causado pelo vírus H1N1, a gripe espanhola, que matou 50 milhões de homens e mulheres ao redor do mundo.

Segundo Martins (2002), a infecção ocorre primordialmente em células de rápida multiplicação como as do trato respiratório e digestivo. Como outras infecções virais o tratamento não é possível, sobretudo em animais de produção.

O vírus H5N1 é altamente patogênico e pode sobreviver nas fezes de aves por até 35 dias em uma temperatura baixa (4°C). Em altas temperaturas (37°C), demonstrou-se que os vírus H5N1 sobrevivem por seis dias em amostras de fezes. Em casos suspeitos o oseltamivir deve ser prescrito o mais rápido possível (idealmente até 48 horas após o início dos sintomas) para maximizar os benefícios (Organização Pan Americana de Saúde, 2006).

A existência de um grande número de subtipos e o conhecimento da grande capacidade de mutação do vírus constitui um sério problema para o desenvolvimento de uma vacina eficiente na imunização dos plantéis de uma região (Martins, 2002).

De acordo com a mesma fonte, a introdução de medidas gerais de biossegurança, incluindo restrição do trânsito de veículos, animais, pessoas e equipamentos, associadas com estratégias de sacrifício e eliminação de plantéis contaminados, acompanhados ou não de vacinação, podem ser úteis no controle da difusão da doença.

2. Revisão Bibliográfica

A qualidade da carne nacional combinada com problemas sanitários em outros países produtores garantiram o aumento das vendas externas no primeiro trimestre de 2004, contrariando algumas expectativas de que a redução das compras russas (barreiras comerciais) impediriam um aumento efetivo do volume (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – Cepea/Esalq/USP, 2005).

Em receita, foram US\$ 3,3 bilhões obtidos no ano de 2005, marca 33,3% superior à de 2004 (Secex, 2006). No entanto, é necessário manter o forte controle sanitário e uma análise do mercado internacional para observar o consumo e em medidas para que o Brasil continue mantendo sua posição de exportador no mercado internacional.

Outros números que demonstram a alta capacidade competitiva do Brasil é quando se analisa a balança comercial brasileira, que fechou 2004 com superávit de US\$ 34,124 bilhões, resultado 32,1% superior ao de 2003 (Secex, 2005). Os dados confirmam o bom

desempenho das vendas externas de carne de frango em 2004, sustentado pela consolidação dos embarques para os tradicionais compradores e também pela conquista de novos mercados. Em 2004, o Brasil exportou carne de frango para 134 países, contra 122 no ano anterior (Associação Brasileira dos Exportadores de frango – Abef, 2005).

No entanto, em 2005 foram registrados novos casos de influenza aviária. A gripe aviária ultrapassou as fronteiras da Ásia e causou suas primeiras vítimas na Europa no fim do ano passado. Desde então, vem-se espalhando pelo continente em ritmo acelerado. Em menos de seis meses, treze países europeus registraram casos da gripe, dentre os quais Itália, Áustria e Suíça (Neiva & Bergamo, 2006).

Segundo uma análise do Avisite, os casos de gripe aviária na Europa, Oriente Médio e África vêm provocando declínio de consumo de produtos avícolas, principalmente nos países afetados, e forte queda dos preços internacionais das carnes de aves, além de inúmeras restrições ao comércio internacional.

Segundo a Secex (2006), o preço da carne de frango para exportação, recuou 7,7% no mercado internacional no mês de fevereiro com relação ao mês de janeiro de 2006, com a tonelada a US\$ 1.180,30 em média. Inicialmente, esperava-se que a redução da oferta mundial de frango em razão da doença poderia elevar os preços do produto. O que se observa, contudo, é um cenário de queda acentuada de preços no início deste ano em toda parte do mundo, devido principalmente à diminuição do consumo, ligada ao receio de se consumir produtos infectados (Cepea, 2005).

Um estudo mais avançado irá responder questões importantes para o posicionamento do Brasil no comércio internacional de aves e em quais os países a demanda por este tipo de carne ainda é alta, para que o País continue como principal produtor e exportador mundial.

2. Metodologia

O trabalho reuniu as informações-base consultados nos sites da Secretaria do Comércio Exterior – Secex (<http://www.portaldooexportador.gov.br>), Associação dos Exportadores de Frango – Abef (<http://www.abef.com.br>), Departamento de Agricultura dos Estados Unidos – USDA (<http://www.fas.usda.gov/psd>) e Avisite (<http://www.avisite.com.br>).

3. Resultados e Discussão

Durante todo o período em que a economia nacional esteve em baixa, a avicultura cresceu a largas taxas. A produção de aves do Brasil aumentou 46,7% de 2000 a 2005 e de 137% de 1995 a 2005 (USDA, 2005). Essa produção foi destinada tanto para o mercado interno, oferecendo produto de qualidade e com baixo preço, quanto para o mercado externo, onde competiu com países mais desenvolvidos que o Brasil, como os EUA.

Segundo a Secex (2006), as exportações acumuladas em 2005 superaram em 14% o total embarcado no ano anterior. O País é hoje responsável por 40,7% das exportações globais do produto, seguido pelos Estados Unidos, que abastecem 35,3%, segundo dados do USDA (2006).

Até o primeiro semestre de 2005 as vendas externas de carne de frango estavam aumentando e alcançando novos recordes. Pode-se observar pela Figura 1, que o Brasil vendeu ao exterior 255,7 mil toneladas de carne de frango *in natura* em agosto do ano

passado – o maior volume da história. Em relação a julho do mesmo ano, o aumento foi de 0,35% e, se comparado a agosto de 2004, de 1,23%. A receita obtida totalizou US\$ 317,4 milhões, alta de 4% sobre julho e de 30% frente ao mesmo período de 2004.

Os embarques de carnes, em geral, foram superados no mês de agosto de 2005 apenas por materiais de transporte, petróleo, soja, produtos metalúrgicos, químicos e equipamentos mecânicos, passando para a sétima posição. Nesta época já se comentava que pela primeira vez o País poderia exportar em 2005, mais carnes do que grãos.

Mas já em novembro de 2005, as vendas externas de carne de frango *in natura* totalizaram volume 20% menor que o de outubro (200 mil toneladas). Em receita, foram US\$ 272,8 milhões vendidos, montante 17,5% mais baixo que o do mês anterior.

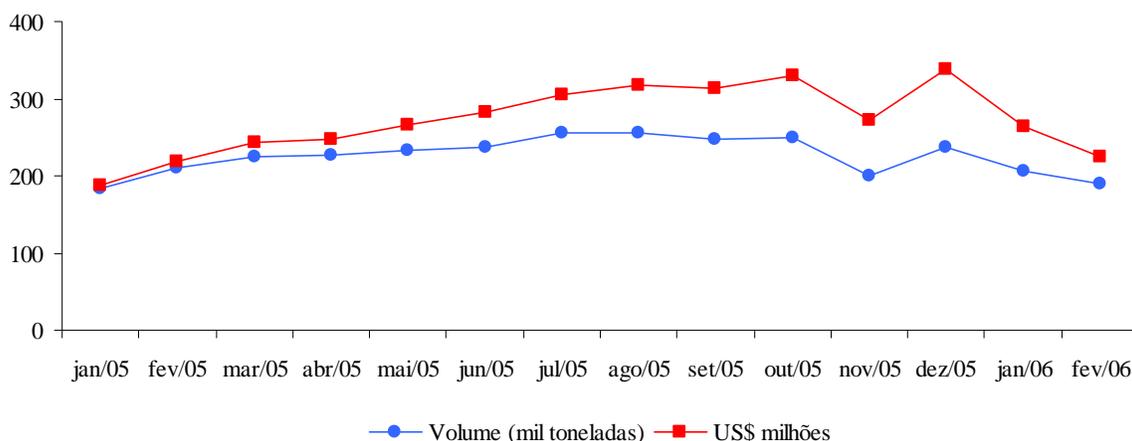


Figura 1. Exportações brasileiras de carne de frango *in natura*

Fonte: Secex (2006), elaborado pelos autores

O setor exportou de janeiro a novembro de 2005 apenas 4% a mais, em volume, frente a todo o ano anterior. Em 2004, o aumento no período tinha atingido mais de 23%. Em receita, o acumulado deste ano soma US\$ 2,9 bilhões, montante 20% superior. No ano de 2004, esses ganhos tinham crescido 43% (Figura 1).

Porém, como as vendas melhoraram significativamente em dezembro de 2005 (18,4% a mais que em novembro e 4% mais que em dezembro de 2004), concluiu-se, no entanto, que a grande vilã das exportações em novembro foi à greve dos fiscais agropecuários no período, que durou 19 dias (de 7 a 25 de novembro de 2005).

Já em fevereiro deste ano, as exportações de carne de frango totalizaram 199 mil toneladas, voltando a ter queda de 8% na comparação com o resultado do mesmo mês de 2005 e de 7% em relação a janeiro deste ano (Figura 1). Segundo Gonçalves, Presidente da Abef, aproximadamente 50 mil toneladas de carne de frango deixaram de ser exportadas no mês de fevereiro (2006), provocada principalmente pela gripe aviária e do temor dos consumidores em relação à carne de frango.

Essa desaceleração das vendas externas refletiu em aumento da oferta interna. Os preços, por sua vez, caíram em relação ao ano de 2004, já que o consumidor brasileiro não absorveu o volume excedente.

Em dezembro de 2005, os preços da tonelada da carne de frango no mercado externo era US\$ 1.425,40. Em janeiro de 2006, o preço médio de exportação da carne de frango ficou em US\$ 1.279,20 por tonelada e no mês de fevereiro a tonelada caiu para US\$

1.180,30. Entre dezembro de 2005 e fevereiro 2006, a queda acumulada é de 17,2% (Figura 2).

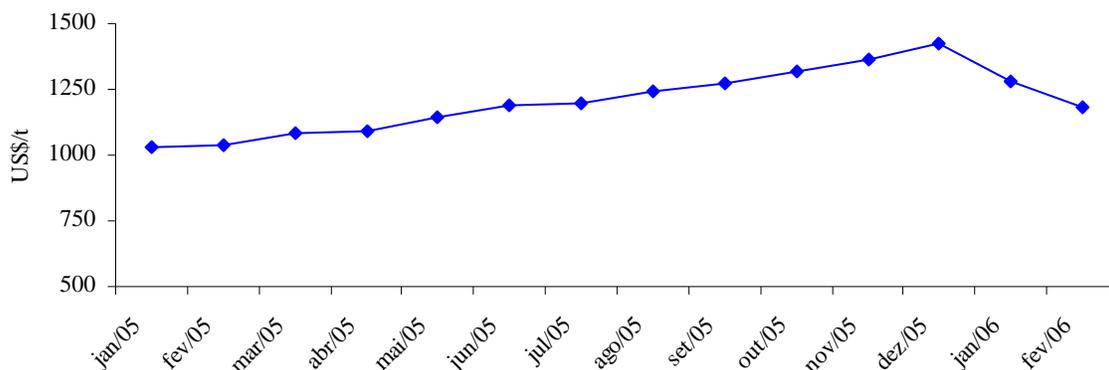


Figura 2. Preço médio de exportação da carne de frango em dólares por tonelada
Fonte: Secex (2006), elaborado pelos autores

O resultado de fevereiro representa uma brusca desaceleração nas exportações, provocada pela retração de mercados consumidores, como da Europa, diante da ocorrência de focos de gripe aviária (Abef, 2006).

Uma análise realizada pelo Cepea (2005), concluiu que o mercado avícola fechou 2005 com os piores resultados dos últimos dois anos. A gripe aviária, que em 2004 ajudou o País a conquistar novos mercados, teve peso negativo no ano passado. Com o alastramento da doença e a confirmação de sua agressividade, o consumo mundial de carne de frango acabou reduzindo.

A gripe aviária ultrapassou as fronteiras da Ásia e causou suas primeiras vítimas na Europa no fim do ano passado. Desde então, vem-se espalhando pelo continente em ritmo acelerado. Em menos de seis meses, treze países europeus registraram casos da gripe, dentre os quais Itália, Áustria e Suíça – no Quadro 1, estão descritos os países que já registraram oficialmente focos de influenza aviária desde 2003.

Alemanha *	França *	Níger *
Áustria *	Grécia *	Nigéria *
Azerbaijão *	Hong Kong *	Romênia *
Bósnia *	Hungria *	Rússia *
Bulgária *	Índia *	Sérvia-Montenegro
Camboja	Indonésia *	Suíça *
Cazaquistão	Irã *	Tailândia *
China *	Iraque *	Taiwan
Coréia do Sul	Itália *	Turquia *
Croácia *	Japão	Ucrânia *
Egito *	Laos	Vietnã *
Eslováquia *	Malásia *	Suécia **
Eslovênia *	Mongólia	

Quadro 1. Países com registros oficiais de casos de influenza aviária na OIE desde 2003, até 1º março de 2006

* Países com registro em 2006 ou também em 2006

** País com relato recente, mas ainda sem confirmação

OIE (Organização Mundial de Sanidade Animal)

Fonte: Avisite, 2006

A OMS divulgou um relatório sobre casos de influenza aviária em humanos, relacionados à cepa do vírus H5N1. O documento mostra que já são 80 casos fatais entre os 149 casos de infecção humana oficialmente diagnosticados em laboratórios especializados. Até 1º de março, a doença está confirmada em 38 países, número que cresceu no último ano com a chegada do vírus à Europa.

Segundo o vice-presidente da União Brasileira de Avicultura (UBA), Ariel Mendes, só na Itália o consumo de frango chegou a cair 70% e na França, a previsão da Abef é que o consumo já tenha reduzido 20% (Figura 3). De acordo com o presidente da Abef, há mais 150 mil a 200 mil toneladas de carne de frango repassadas no mercado externo, ou seja, que deixaram de ser consumidas em países que compram do Brasil. O volume que deixou de ser comercializado no mercado externo pressionou as cotações do frango internamente, onde a queda de preço alcançou até 30%.

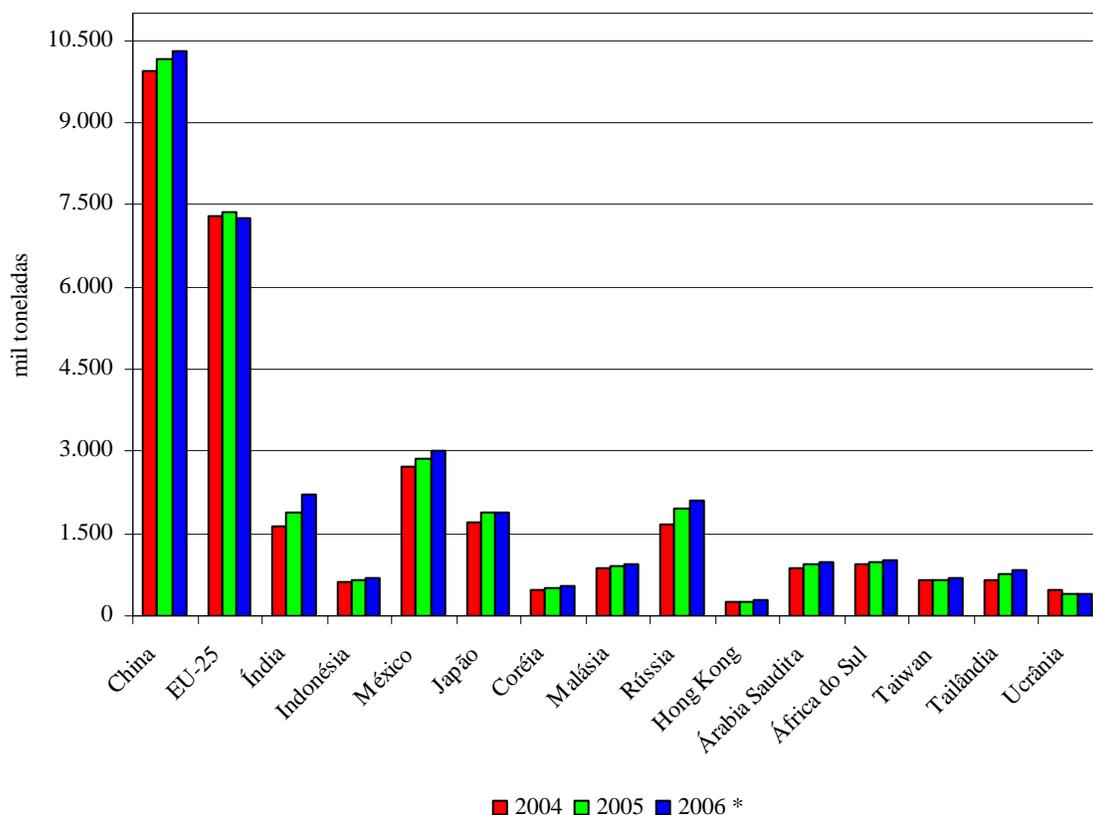


Figura 3. Maiores consumidores de carne de frango em mil toneladas

* Previsão

Fonte: USDA (2006), elabora pelos autores

No entanto nas análises do USDA, há previsão de aumento de 6% nas exportações brasileiras de carne de frango, com relação a 2005 (Figura 4), e para as exportações dessa mesma carne para os EUA, a previsão é de aproximadamente 3% com relação ao ano anterior. A produção nacional, segundo o órgão, também deve crescer 7,21% no período. Porém, neste ano deve-se ter cuidado com previsões, pois nos modelos aplicados em anos anteriores, não se fazia referência a calamidades, como uma pandemia mundial causada pela gripe aviária, principalmente se o vírus atingir o Brasil.

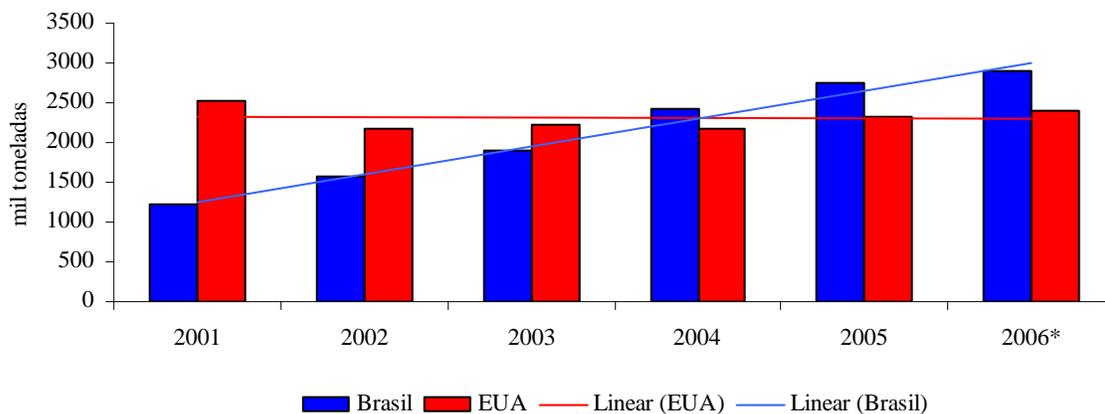


Figura 4. Volume exportado de carne de frango em mil toneladas

* Previsão

Fonte: USDA (2006), elaborado pelos autores

Se a projeção se confirmar, a tendência é que a oferta esteja mais equilibrada neste ano, embora um outro fator precise ser analisado: o consumo interno. Em 2005, o setor avícola decepcionou-se bastante com este último fator, apontado por muitos como o grande entrave do ano.

Mas no começo de 2006, o setor avícola já começou a reduzir as matrizes para equilibrar a oferta. Segundo dados da Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco, 2006), a produção de carne de frango somou 755,4 mil toneladas em fevereiro deste ano, volume 12% menor que o de janeiro, mas ainda 13% superior ao do mesmo período de 2005.

Porém é normal uma redução no início do ano, como se pode observar, o volume produzido também recuou de janeiro para fevereiro de 2005 em 10%. E em 2004, a diminuição no período foi de 6,4%, segundo a mesma fonte. Mas particularmente em 2006, essa redução deve continuar nos próximos meses, para equilibrar a oferta de novo cenário de demanda mundial retraída (gripe aviária).

Hoje, para o Brasil o que mais pode afetar negativamente as exportações de carne de frango, não é a taxa de câmbio e sim a gripe aviária. Pois o maior volume das exportações brasileiras é para o Oriente Médio e União Européia, na qual a taxa de câmbio é dada em Reais por Euro, e continua sendo vantajoso. Assim, o que prejudicaria a produção nacional de aves, é uma pandemia mundial ou se o Brasil vier a ter o vírus da gripe aviária.

Porém a gripe aviária pode estar melhorando as exportações de outras carnes. Segundo um relatório da CVE (2006), a gripe aviária, pode ter um efeito benéfico para as vendas externas de carne bovina do Brasil, para pelo menos um país. O Egito, afetado pela gripe aviária e com forte consumo dessa carne, registrou um incremento no consumo de carne bovina no momento em que despencavam as vendas de frango. De acordo com a mesma fonte, em 15 dias, os preços da carne bovina no mercado doméstico egípcio subiram até 10% (Figura 5).

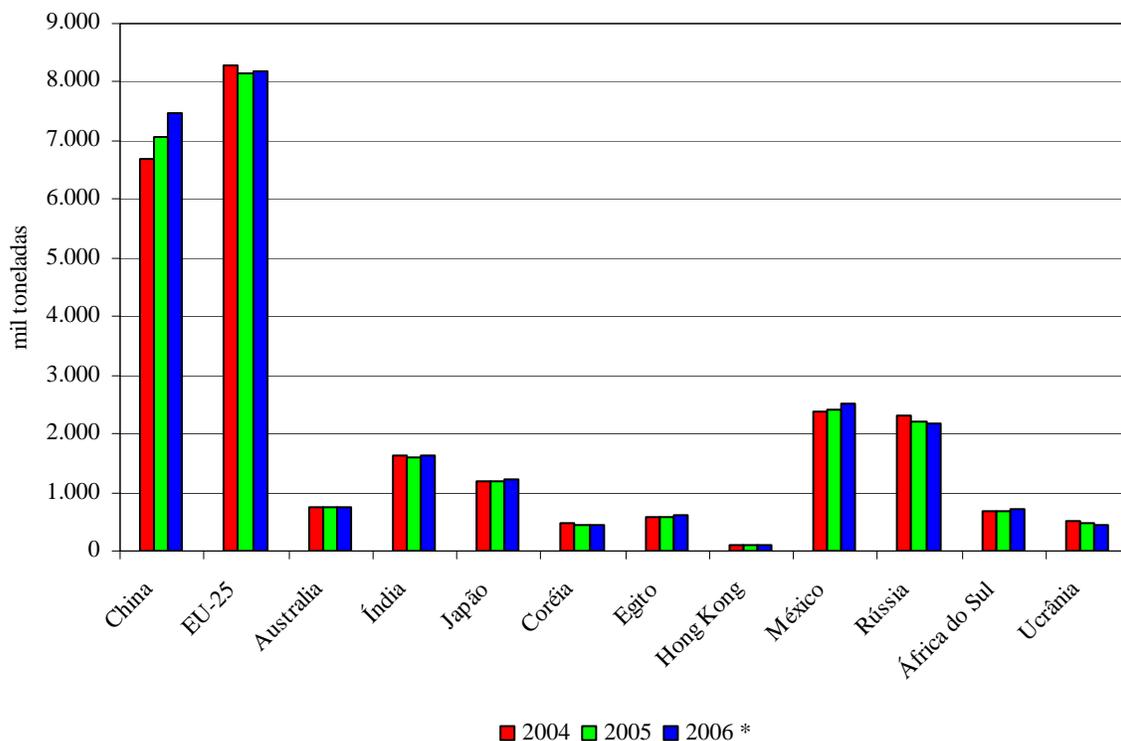


Figura 5. Maiores consumidores de carne bovina em mil toneladas

* Previsão

Fonte: USDA (2006), elabora pelos autores

Quando se analisa o consumo da carne de frango em outros países, a previsão do USDA (2006) é positiva. A maioria dos países, mesmo os afetados pela gripe aviária aumentará seu consumo, mas de maneira equilibrada como se espera caso não tenha surto da doença. Isto se comprova também pelo consumo de outras carnes, como a bovina e suína, que terão seus aumentos equilibrados (Figuras 3, 5 e 6). Mas se vier a ter uma epidemia de gripe aviária, irá faltar o produto no mercado.

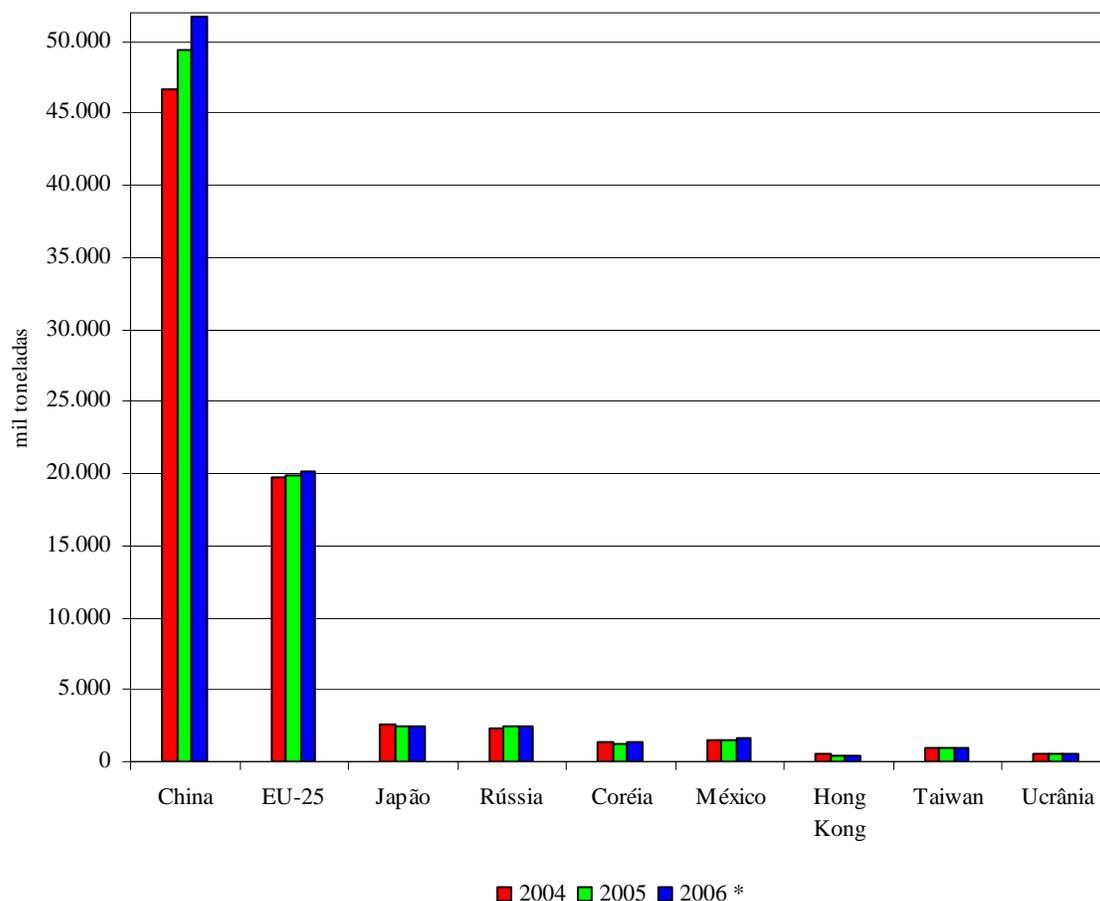


Figura 6. Maiores consumidores de carne suína em mil toneladas

* Previsão

Fonte: USDA (2006), elaborado pelos autores

Segundo a Abef (2006), os principais compradores mundiais de carne de frango, em volume, são a Rússia, Japão, União Européia (25 membros), Árabia Saudita e México. Deste, os principais compradores da carne de frango brasileira são UE-25 e Oriente Médio. Rússia e México são os principais compradores da carne de frango norte-americana.

Em 2003, o Brasil exportou 14,74% a menos que os EUA, porém em 2004, o País exportou 14,11% a mais. A perda de 11,47% de carne de frango exportada pelos EUA é relacionada provavelmente às barreiras impostas pelos países importadores.

Em 2005, as perdas com as exportações de carne de frango norte-americana continuaram a cair. Países como França, Itália e Hong Kong, reduziram as compras em 71%, 51,7% e 20,5% respectivamente (USDA, 2006). Já o Brasil aumentou no ano passado, 69,21% de suas exportações de carne de frango para a França, e reduziu apenas 4,73% para a Itália e 35,76% para Hong Kong (Secex, 2006). Mas as causas dessa diminuição foram diferente das dos EUA e se referem ao menor consumo de carne de frango nesses países.

Caso a UE-25 reduza realmente o consumo por carne de frango, a ingestão de outras carnes iria aumentar, como a de bovina e suína, por exemplo. Mas se também o Oriente

Médio reduzisse o consumo por carne de frango, aumentaria a procura por carne bovina, pois esses países não consomem carne suína. Com isso teria uma alta demanda de carne bovina, aumentando os preços dessa carne podendo até faltar este produto no mercado.

Na avaliação da Abef (2006), a reação inicial dos consumidores, diante as notícias de gripe aviária, é de restrição do consumo. Mas, segundo a entidade, isso é revertido com o esclarecimento sobre o assunto.

Segundo relatório do Centro para Agricultura e Desenvolvimento Rural (Fapri, 2006) com perspectivas para a agricultura, o Brasil até 2010 será o maior exportador de carne de frango *in natura*, com 41,5% do comércio internacional, contra 35,5% dos EUA (Figura 7). Para as exportações de carne bovina, o País também estará como maior fornecedor dessa carne, com 27,9% e em segundo a Austrália com 20,9%. Para a carne suína, o Brasil estará como quarto maior exportador, segundo as previsões da Fapri (2006) para 2010, com 12,7%, atrás da UE-25, EUA e Canadá.

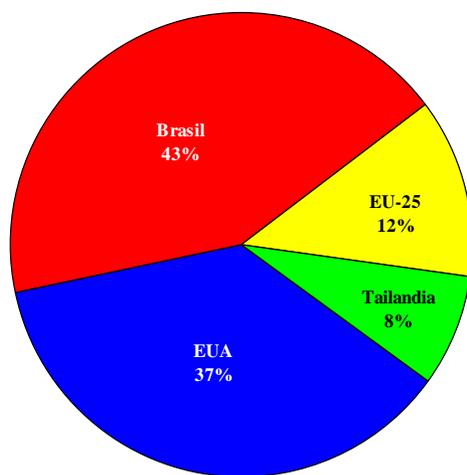


Figura 7. Projeção para exportações de carne de frango de 2006 até 2010
Fonte: Fapri, 2006

A gripe do frango, ainda poderá impulsionar as vendas brasileiras, já que o País não registrou até agora focos da doença, firmando-se como importante abastecedor do mercado mundial.

No Brasil, o Ministério da Agricultura está visando o controle de uma possível epidemia entre as aves e montou duas frentes de ação envolvendo nove ministérios para se preparar para a chegada da gripe aviária. Uma delas, coordenada pelo Ministério da Saúde, que prevê o investimento em infra-estrutura para futuras internações, compra de medicamentos e fabricação de vacinas, além do treinamento de profissionais de saúde. Além das propostas de proibição do trânsito interestadual de aves vivas e material genético no País já instaladas pelo Ministério da Agricultura.

8. Considerações Finais

Há uma pequena redução das exportações de carne de frango brasileira para os países afetados pela gripe aviária, porém esta reação inicial de retração do consumo pode ser revertida com esclarecimento sobre o assunto.

A gripe do frango, ainda poderá impulsionar as vendas brasileiras. Segundo a Fapri (2006), até 2010 o País será o maior fornecedor mundial de carne de frango e de carne bovina. No entanto isso depende do controle sanitário, ocorrência de doenças como febre aftosa e gripe aviária pode prejudicar esse desempenho e fornecer argumentos a países que alegam que a política de subsídios deve ser mantida por uma questão de segurança alimentar.

Há previsões de aumento para as exportações brasileiras, em 2006, para todas as carnes, em especial para a de frango, com 6% de alta no volume exportado (USDA, 2006), baseado nos modelos aplicados nos anos anteriores. Porém neste ano, deve-se ter cuidado com previsões, pois ainda não se pode afirmar que o Brasil não terá gripe aviária e que o mundo não sofrerá uma pandemia.

Entre as medidas propostas para manter o vírus da gripe aviária longe do País, está a proibição do trânsito interestadual de aves vivas e material genético e a criação de um laboratório dentro do Instituto Butantan, em São Paulo, que fabricará 20.000 doses de vacina contra o vírus H5N1 circulante até o meio do ano (CVE, 2006).

Futuramente esse trabalho auxiliará para análises mais profundas dos reais impactos da gripe aviária, já que neste momento ainda é prematuro um julgamento desse porte pelo pouco tempo em que há neste cenário um problema dessa magnitude.

9. Bibliografia Consultada

Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco). Fundação Apinco de Ciência e Tecnologia Avícolas. <http://www.facta.org.br>.

Associação dos Exportadores de frango (ABEF). <http://www.abef.com.br>. Consultado em 13/08/2005; 08/12/05.

Avisite. <http://www.avisite.com.br>. Consultado em 13/08/05, 20/02/2006.

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP). Dados repassados pessoalmente.

Centro de Vigilância Epidemiológica “Professor Alexandre Vranjac” (CVE), Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. <http://www.cve.saude.sp.gov.br>. Consultado em 20/02/2006.

Centro para Agricultura e Desenvolvimento Rural (Fapri). Perspectivas da Agricultura Mundial – Resumo 2006. Universidade do Estado de Iowa, 2006, 72 pg.

Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). <http://www.fas.usda.gov>. Consultado em 03/11/05, 08/03/06.

MARTINS, P. C., Surtos de Influenza Aviária: evolução, controle e seus reflexos no mercado avícola. Artigo Técnico, 13/06/2002. <http://www.aveworld.com.br>. Consultado em 15/12/2006.

MULDER, N. D., Perspectivas 2005. Revista Ave World, ano 3, nº14, fevereiro – março/2005, Editora animal world. <http://www.aveworld.com.br>.

NEIVA, P. & BERGAMO, G. Nas asas do Pânico – O vírus da gripe aviária chega à Europa Ocidental e seu primeiro sintoma já se faz sentir na população: o medo de uma pandemia. Revista Veja. Edição 1946, março/2006.

Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU). <http://www.fao.org>. Consultado em 03/11/05, 08/02/06.

Organização Mundial de Sanidade Animal (OIE). <http://www.oie.int/eng>. Consultado em 27/02/2006.

Organização Mundial de Saúde (OMS). <http://www.who.int/en>. Consultado em 27/02/2006.

Organização Pan Americana de Saúde. Influenza Aviária (“gripe do frango”) – Informativo janeiro de 2006. <http://www.opas.org.br>. Consultado em 19/03/2006.

Portal da Saúde. Informação Actualizada do Centro Regional de Saúde Pública do Centro sobre o vírus Influenza A/H5N1. Ministério da saúde de Portugal, 06/03/2006. <http://www.portaldasaude.pt>. Consultado em 19/03/2006.

Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). <http://www.portaldoexportador.com.br>. Consultado em 03/11/05, 08/02/06.

União Brasileira de Avicultura (UBA). www.uba.org.br. Consultado em 08/02/2006.